

Sertão ou Semiárido: outros novos olhares para além dos colonizadores

Autor: Kleyton Gualter de Oliveira Silva: Mestrando em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA/UNEB). E.mail: kgualter@hotmail.com

Coautores: Cleiton Lin Oliveira da Silva: Mestrando em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA/UNEB). E.mail cleitonlin@hotmail.com e Edonilce da Rocha Barros – Docente do PPGESA/UNEB. E-mail: ebarros@uneb.br

RESUMO: A proposição deste trabalho partiu das aulas das disciplinas de Produção da Existência nos Territórios Semiáridos e Fundamentos da Educação para a Convivência com o Semiárido, ministradas no Programa de Mestrado Multidisciplinar em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA. Propõe-se falar do Sertão e suas diversas significações, a partir da análise bibliográfica das produções sobre o termo. Inclui-se ao trabalho outros novos olhares além daqueles dos colonizadores que viam o sertão como o beco fora do eixo modernizador, como uma região inóspita. Argumentação posta como justificativa a tantas incursões e intervenções violentas que ocorreram no sertão semiárido e desfiguraram as imagens do seu bioma caatinga e do povo sertanejo. Exemplifica-se como o movimento de Canudos, símbolo de luta e resistência do povo sertanejo.

Palavras chaves: Sertão. Território Semiárido. Colonizadores. Resistência.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende romper com as construções estereotipadas sobre o sertão nordestino ou o Semiárido Brasileiro. Apresentamos aqui uma história contada a partir do olhar dos “de dentro”, de quem convive com o semiárido. Ressaltamos que as questões que norteiam esse trabalho têm origem nas leituras propostas de forma conjunta entre os professores das disciplinas de Produção da Existência nos Territórios Semiáridos, com a disciplina de Fundamentos da Educação para a Convivência com o Semiárido do PPGESA – Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Juazeiro-Bahia.

O objetivo inicial foi discutir sobre as diferentes significações e percepções sobre o termo “sertão”, mas nos contornos das discussões os textos orientadores nos instigaram a ir para além disso, o que resultou na produção deste texto com novos olhares para além daqueles dos colonizadores portugueses. Não deixa de ser uma ousada tentativa de desconstruir visões cristalizadas, estereótipos e narrativas homogeneizantes sobre o espaço que vivemos – o Semiárido Brasileiro.

O sertão nordestino sempre foi símbolo de lugar inóspito, sem grandes chances de viabilização econômica, tendo como causa principal a falta d'água. Mas, os colonizadores portugueses, sempre na ânsia do acúmulo de riquezas, não o menosprezava e nesse sentido organizaram as Entradas e Bandeiras para penetra-lo. Na medida que penetravam o sertão iam espalhando bois e gente (vaqueiros, escravos e índios escravizados), formando os currais. A água sempre foi o ponto de atração dos diferentes povos. Os índios se fixavam preferencialmente em locais que oferecessem acesso fácil à rios, nascentes, várzeas, lagoas etc. Eram exatamente as terras que ladeavam esses mananciais, onde viviam os índios a maior cobiça dos novos ocupantes, os colonizadores.

A pecuária bovina extensiva, nas áreas reconhecidas hoje como de “fundo de pasto¹”, típicas do Semiárido Brasileiro, foi a base da penetração nos sertões baiano. As boiadas, por si mesmas, abriam os caminhos por dentro da caatinga, estratégia utilizada pelos colonizadores para se apropriarem da vastidão de terras, transformando-as em grandes latifúndios. Essa expansão pastoril representou o surgimento de um novo tipo de colono, o fazendeiro de gado, que foi se tornando em um geosímbolo do território - o “coronel do sertão”.

Com a expansão da pecuária extensiva, atividade fundamental para sustentar a coroa portuguesa estabelecida no litoral, Salvador-BA e Olinda-PE, passou a ser a base fundamental da economia do sertão nordestino pela exportação do couro, no primeiro momento da economia pastoril. Ficou conhecida como ciclo do couro porque dele se fazia tudo (ABREU, 1988).

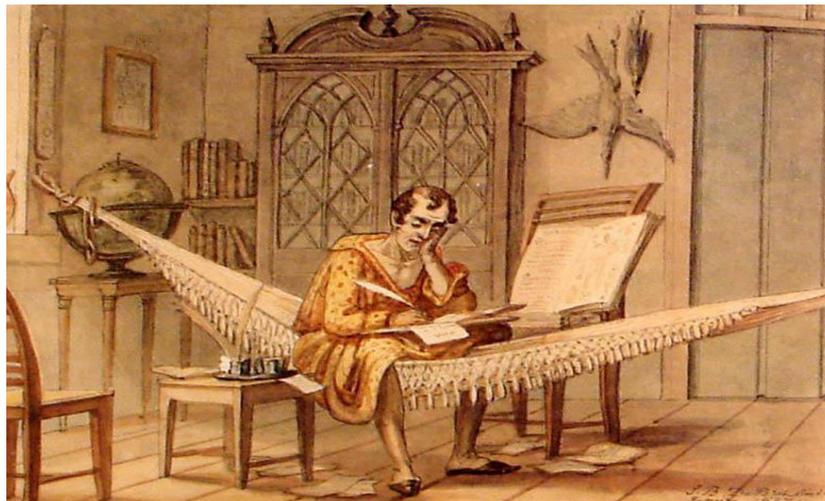
Pode-se notar que a pluralidade de significados de sertão tem base na história de seu povoamento. Neste sentido, o sertão se apresenta como um espaço visto pelos viajantes [de fora], como sendo o beco fora do eixo modernizador, região percebida como inóspita, uma argumentação posta como justificativa a tantas incursões e intervenções violentas.

Começando nossa incursão sobre o termo sertão, apropriando-se da concepção de Costa (2013, p. 12), que afirma ser o sertão, o semiárido, a caatinga e as paisagens do Brasil, numerosos vocábulos que podem expressar um mesmo lugar ou lugares distintos, e, podem também representar ambientes em seus mais diversos sentidos. Vocábulos por vezes utilizados como sinônimos e às vezes afastados pelas distinções conceituais que vão formando uma pluralidade de significados.

¹ Fundo de Pasto é um modo tradicional de criar, viver e fazer em que a gestão da terra e dos recursos naturais, articulando terrenos familiares e áreas de uso comum, onde se criam caprinos e ovinos à solta e em pastagem nativa.

Para refletir sobre uma primeira impressão dos “de fora” a respeito do Sertão apreciemos a figura 01, uma pintura de Debret apresentada por Fonseca (2015), em um artigo que revela as intenções do artista ao produzi-la. A obra de Debret foi publicada em 1957, no texto do antropólogo Luís da Câmara Cascudo, intitulada “Rede de dormir”.

Figura 1- Pintura de Jean Baptiste Debret: “Sábio trabalhando em seu gabinete”



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=Debret+sabio+trabalhando+no+gabinete>

Vale destacar que Debret não deixou nenhum comentário escrito sobre a pintura, na parte inferior dela apenas uma frase escrita: “Sábio trabalhando em seu gabinete”. Contudo, sobre a aventura de vir ao Brasil, escreveu em um diário o trecho: Animados todos por um zelo idêntico e com o entusiasmo dos sábios viajantes que já não temem mais enfrentar os azares de uma longa e ainda, muitas vezes, perigosa navegação.

Fonseca (2016) afirma ainda que, com esse diário em mãos, Vera Beatriz Siqueira em um artigo apresenta suas interpretações dizendo que

[...] esta imagem do sábio no gabinete, poderia, portanto, dizer respeito a um auto-retrato ou a uma representação arquetípica dos ditos “artistas viajantes” no Brasil. Ao se descrever como “sábio viajante”, Debret constrói uma imagem textual oposta à aquarela aqui analisada; trazendo a descrição de aventureiros que segue rumo ao estranho Novo Mundo, permeado por “entusiasmo”, substituída pela clausura do estudo em um espaço fechado. (FONSECA, 2016, p. 2)

Independente da conclusão de Vera Beatriz Siqueira compactuar ou não com as intenções do autor da pintura, o que não é o caso, vale destacar, que ela construiu um trabalho se apropriando de um “sistema de organização” que inclusive conceituava a modalidade de

pinturas da época de Debret. Assim, Vera Beatriz Siqueira afirmou que a criação era um autorretrato, uma representação arquetípica dos ditos “artistas viajantes” ao Brasil, além de uma pintura oposta, ou seja, negando técnicas de uma “aquarela” que mostrava as constantes decepções produzidas entre o sonho dos aventureiros e a realidade encontrada neste novo mundo.

Como Debret, muitos outros viajantes seguiram registrando nos seus diários às condições adversas encontradas no Sertão, um autorretrato das decepções com os sonhos que almejavam antes dos embarques. Uma relação bem próxima com o sentido etimológico, apresentado por Carvalho (2013), da palavra sertão - a partir da história da colonização [produtor de sonhos e catalogo de ilusões], diz que, Sertão era o lugar do desconhecido, o longínquo, com terra e gente incultas. Esta visão trata da afirmação que aponta sempre para um lugar oposto ao de quem fala [longe de mim]. Contradições percebidas inclusive neste objeto apelidado de rede de dormir na pintura de Debret, vista de fora como o lugar do relaxamento, da preguiça, contudo, trata de um utensílio doméstico que ajuda a organizar a vida difícil das diversas pessoas da região nordestina, pra descansar não por preguiça e sim após longas jornadas de trabalho, sob o sol escaldante do nordeste. Utilizam para recomporem as forças, principalmente em casas muito pequenas que abrigam um amontoado de gente.

Contradições reveladas sobre o termo sertão, que teve no princípio, como afirma Antonio Filho (2011) citando Gustavo Barroso, para os portugueses um sentido pejorativo para se referirem às regiões despovoadas e ríspidas da África Equatorial e replicados para todas as outras similares a ela. Carvalho (2013) vai destacar que o estrangeiro colonizador vai se referir ao Sertão, como toda região não litorânea, “chão de dentro”, a autora afirma ainda que Gilberto Mendonça Teles, em um estudo geológico atestava a existência do termo sertão encontrado em toda literatura dos cronistas e viajantes que visitaram o Brasil durante o período que compreende os séculos XVI ao XVIII.

Sobre esse aspecto, cabe considerar que anti ao batismo dos viajantes e seus significados de sertão, merece outros novos olhares para os múltiplos sentidos direcionados ao Semiárido Brasileiro, aspecto fundamental de auto-afirmação e desautorização da colonização, que mesmo sendo vencido no processo de intercâmbio da invasão europeia, continua produzindo manifestações que desenham, resistem e persistem neste território.

Colonização/invasão portuguesa

A construção social imagética das pessoas de fora sobre quem mora no sertão não se figura apenas a um autorretrato da decepção posta na obra de Debret publicada em 1957. O autorretrato refletiu o tempo das expedições portuguesas direcionadas ao espaço geográfico hoje chamado Brasil, quando os invasores traziam mais do que aventureiros, pois, suas embarcações foram as primeiras políticas de Estado, que segundo Prado Jr (1976) ganhou força no século XIV, com a revolução marítima, o avanço científico que possibilitaram contornar o continente pelo estreito de Gibraltar e fortalecer o comércio português. A intenção era saquear o Brasil. Ao contrário do que diziam, o sertão não era um lugar vazio e inabitado, os índios estavam aqui com seus usos e costumes, sumariamente aniquilados corpos, almas e cultura pelos colonizadores.

O fracasso destas primeiras incursões veio com o povoamento dos espaços geográficos, provocando nas expedições um metamorfoseamento. Fazemos aqui referência ao rio São Francisco, que corta cinco estados nordestinos, todos eles com grandes extensões territoriais no Semiárido Brasileiro. Foram seguindo esse rio que as forças exercidas nas expedições terrestres, dos bandeirantes, por exemplo, replicaram as incursões ultramarinas pelo mundo, sobre a égide de genocídios, escravização e extermínio, visíveis ou invisíveis aos olhos de alguns, na agrura de dizer "isto é meu"! Um formato de aprisionamento fortalecido pelo ato de colocar nome nas coisas, como acontecimento apresentado por Abreu (1998)

[...] Abriram um postigo e saindo por ele a modo de rebanho de ovelhas que sai do curral para o pasto, com espadas, machetes e alfanjes lhes derribavam cabeças, truncavam braços, desjarretavam pernas, atravessavam corpos. Provavam os aços de seus alfanjes em rachar os meninos em duas partes, abrir-lhes as cabeças e despedaçar-lhes os membros. (p. 112)

Essa nascente das diversas políticas de ocupação das terras sertanejas foi construída pela acessibilidade criada após as expedições bandeirantes, que deixaram além dos rastros de sangue, a possibilidade da criação por D. João III, em 1534, do sistema das capitanias hereditárias, nomeando capitães donatários para governá-las; doando terras através das sesmarias², nomeando funcionários para as vilas que começavam a surgir, além de incentivar a ida de famílias para colonizar e povoar as vastas terras tidas como desertas. Fundaram vilas e incentivavam o adentrar ainda mais o interior, chamado de sertão, incursões

² **Sesmaria** (de *sesma*, derivada do latim *sexīma*, ou seja, "sexta parte") foi um instituto jurídico português que normatizava a distribuição de terras destinadas à produção agrícola.

essas alimentadas pelo desejo de descobrir riquezas minerais ali sonhadas. Processo que não se deu efetivamente de forma pacífica, que encontrou resistência por parte dos nativos, transformando-se em chacinas, nas descrições de Abreu (1998) “com espadas, machetes e alfanjes lhes derribavam cabeças”.

O Sertão perdeu neste período, o sentido de refúgio, onde os nativos que viviam em isolamento perceberam que raramente sobreviveriam por muito tempo em paz. A ganância, a violência instintiva, a coerção ou compulsão lhes exterminariam. Uma verdade que os povos explorados e à margem do dito “desenvolvimento”, os sertanejos, deveriam conhecer para entender que o Estado se impõe sobre diversas formas de colonização insistente e políticas descontextualizadas, apoiadas nos desejos e sonhos individuais daqueles que não se reconhecem sertanejos.

Metodologia

A base desta pesquisa centra-se nas diversas fontes bibliográficas construídas sobre o termo sertão. Para nos apropriarmos melhor do conceito fizemos buscas no site do banco de dissertação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), descobrindo que possui um espaço com 395 publicações, 71 áreas diferentes do conhecimento, 307 programas de acadêmico, 81 produções de doutorado e 07 de mestrado profissional. Partindo dessa primeira fase de levantamento bibliográfico, dedicamo-nos a inúmeras horas de leituras, discussões sobre a temática para posteriormente fazer uso da escrita.

A escrita foi nascendo do nosso questionamento sobre os conceitos/resultados produzidos, evitando apresentar o Sertão apenas pelo olhar do estrangeiro (de fora/auto-retrato). Entendendo, inclusive que, o termo batizado como desconhecido e desabitado é o mais desastroso, que serviu como justificativa para implantação de diversas Políticas de Estado, que pelos instrumentos das expedições bandeirantes e tantas outras incursões, contribuíram para ampliar as riquezas e fronteiras territoriais da Europa, refletindo o desbravamento marítimo e deixando rastros de sangue considerável sobre a égide explicativa do desenvolvimento.

Enfim, trata-se de um trabalho bibliográfico, reforçado pelas diversas discussões em sala de aulas, dos olhares e da escuta profunda direcionadas as atitudes durante as visitas ao parque temáticos da Serra da Capivara em São Raimundo Nonato-PI, ao museu regional Pai

Chico, em Caboclo, distrito da cidade Afrânio-PE e das nossas próprias experiências como moradores do território semiárido.

Resultados e discussões

Para Marx (2009 p. 67) “todos os movimentos históricos foram, movimentos de minorias ou interesse de minorias”. No sertão nordestino brasileiro, os movimentos sociais emergiram como alternativa de emancipação, de refulgio, de resistência ou até mesmo de tentativa de estagnação da fuga. Como exemplo, podemos citar a guerra que virou o famoso livro “Os Sertões” e tem uma ressignificação apontada pelos autores José Rivair Macedo e Mário Maestri (2004) ao afirmarem que

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história - resistiu até o esgotamento completo. Expugnando palmo a palmo, na precisão do termo, caiu no dia 5 [de outubro], quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados. (p. 173)

Canudos foi um dos movimentos sociais mais importantes do País. Como afirma os autores acima, muitos já escreveram sobre esse movimento, classificando-o de messiânico, religioso, místico e mesmo pré-político, ou um simples movimento de “fanáticos”. Aqui classificado como movimento de protesto e de luta camponesa por melhores condições sociais de vida e trabalho. Exemplo vivo da luta, territórios de heróis, que guerrearam pela sobrevivência e permanência na terra, viável, produtora de favos de mel.

Assumimos aqui, a responsabilidade e abrimos um sistema de signos, onde, apontamos as ações de Canudos como tendência de princípios dos movimentos sociais, exemplo de contribuições que julgamos como de fundamental importância para a criação de espaços de lutas e fortalecimento da população sertaneja contra regimes e ações opressoras. Usando nosso poder de escrita, evidenciamos mudanças no processo de transformação político-social no Brasil, sobretudo dos trabalhadores rurais. Esse processo de redemocratização do país iniciado em meados da década de 1980, essencialmente após o regime militar, marca a democratização dos diferentes sujeitos políticos, traço de pinceladas que apagam a pintura apresentada sobrepujando uma nova imagem, reproduzindo a ação coletiva de um grupo organizado com o objetivo de alcançar mudanças sociais por meio do embate político permeados por tensões sociais.

Assim foi o movimento de Canudos e tantos outros na Bahia e no Brasil no passado, como são os movimentos sociais de hoje que lutaram para permanecer e ter assegurados seus direitos, desconstruindo as desigualdades sociais, econômicas, culturais, tatuadas pela colonização a partir de várias sequências de eventos que ceifaram/ceifam culturas e saberes dos nativos, dos negros, dos trabalhadores(as) rurais, das mulheres, sobretudo dos povos do sertão nordestino brasileiro.

Essa perspectiva de horizontalidade, contudo, não significa que as relações sociais aqui estabelecidas ocorram ausentes de conflitos, porém, fortalece as comunidades e propõe a resistência contra implantações de políticas públicas descontextualizadas, verticalizadas, reflexos da imposição do termo sertão no sentido de espaço geográfico vazio e inabitado.

O Território como unidade coletiva é em si, como sublinha Milton Santos (1999) o lugar onde são realizadas as atividades construídas por meio da herança cultural das pessoas que vivem ali. Há, portanto, uma dimensão histórica e dialética na qual os elementos do passado resistem, outros são ultrapassados e surgem novos. Assim, o presente relaciona-se com o passado em um movimento de análise de suas próprias reflexões, construindo interações naturais e sociais onde se tece uma complexa coexistência entre a natureza e as construções humanas, um espaço altamente político onde o conflito de interesses é inerente, ressaltando e respeitando a diversidade de cores e sons presentes.

Não nos abstermos de dizer que há também uma dimensão histórica e dialética nas quais elementos passados resistem, outros são ultrapassados e surgem novos. Assim, o presente relaciona-se com o passado e não se manterá fixo no futuro. Nesse sentido, o território é visto na sua multiplicidade de manifestações, como se refere Haesbaert (2004), que considera o território “imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou cultural-simbólica”. (pp. 95-96)

Ao longo do percurso que fizemos, mergulhados nas leituras e análises, concluímos que o Sertão é mais que um vocábulo sem sentido, ele tece uma rede de significados e representações que vão se entrelaçando entre a objetividade e as subjetividades das nossas ações. Descortinando o passado ficou evidente a responsabilidade coletiva na produção da coexistência pelo viés da multiplicidade de saberes, sabores, cores e imagens que se traduzem nesse caldeirão de cultura, mas que isso, na cultura sertaneja, catingueira que se reinventa no tempo e no espaço, nos nossos territórios de identidade. Estamos conceituando esse contexto

de territorialidades, que traduz um dos conceitos utilizados por Saquet (2009, p. 8) quando diz que

[...] compreendemos a noção de territorialidade como um processo de relações sociais, tanto econômicas, como políticas e culturais de um indivíduo ou de um grupo social. A territorialidade corresponde às relações sociais e às atividades diárias que os homens têm com sua natureza exterior. É o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida quotidiana.

Assim, associamos o resultado principal do nosso percurso teórico ao que diz Milton Santos (1999) sobre território como sendo “o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência”.

Considerações finais

Este trabalho procurou inicialmente indicar as contradições e diversidades existentes no significado do termo sertão, conjunto de construções e imagens para definir a multiplicidade de sentidos e significados que ele [sertão] possui. Momento necessário e que nos ajudou no entendimento de que estamos em uma região complexa nos diversos sentidos (político, econômico, social, cultural e ambiental), o que nos permitiu dizer que esse lugar é diferente dos outros sertões do Brasil e do Mundo, onde, para viver bem ainda se necessita aprender a conviver com a diversidade de sons, cores, culturas, identidades e clima. Aprender a convivência com as lutas, elegendo os espaços conquistados pelos Movimentos Sociais na Constituição Federal de 1988, garantia de políticas públicas e demandas contextualizadas da região, como fatores que contribuem para a permanência do povo neste contexto, dando-lhe a responsabilidade de assumir o poder do pincel e não mais permitir a construções de retratos europeus ou egocêntricos sobre suas vidas.

Como afirma Costa (2013) que o sertão, o semiárido, a caatinga, as paisagens do Brasil, são numerosos vocábulos que podem expressar um mesmo lugar ou lugares distintos, e, podem também representar ambientes em seus mais diversos sentidos. Destaque que ressalta a importância dos movimentos revolucionários como o ocorrido no arraial de Canudos, marco que traçamos como recorte para tantos outros movimentos que, observando, por exemplo, a forma do umbuzeiro - planta nativa da caatinga e símbolo de resistência astuta - que guarda nas suas raízes água suficiente contra as intempéries do tempo da estiagem. Aprendendo com

o ele [o umbuzeiro] os movimentos sociais se organizam em redes, sem hierarquias, mas, fortalecidos pela perspectiva política engajada do povo em alcançar avanços nas demandas sociais e contra comportamentos politicamente agressivos e reprodutores de preconceitos.

O trabalho articulado em rede representa os diversos grupos e coletivos que sobrevivem no contexto semiárido brasileiro. Seus propósitos, demandas específicas e peculiaridades atendem assim aos diversos interesses sociais. Cientes que somos frutos deste intercâmbio de histórias impositivas, com ênfase na luta pela sobrevivência no território do sertão nordestino, do resultado descrito e vivido do som do massacre e do silenciamento da cultura nativa, apostamos nos movimentos sociais, mesmo nesse momento de retrocesso democrático, e nas novas tecnologias da informação para produção e reprodução de suas próprias histórias, outras histórias, nossas histórias, fazendo ressoar nossas territorialidades caatingueiras. Assim são os outros novos olhares para além dos colonizadores.

Referências

- ABREU, J. Capistrano de. **Capítulos de história colonial: 1500 – 1800**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.
- ANTONIO FILHO, Fadel David. **Sobre a palavra “sertão”**: origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência geográfica). *Ciência Geográfica - Bauru - XV - Vol. XV - (1)*: Janeiro/Dezembro – 2011. Disponível em: <http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista>. Acesso 05/05/2016.
- CARVALHOS, Tereza Ramos. **A interlocução literatura e história social nas obras o tronco**, de Bernardo Élis, *Quinta-feira sangrenta*, de Osvaldo Rodrigues Póvoa e *Serra dos Pilões – jagunços e tropeiros*, de Moura Lima. 2013. Tese (Departamento de Teoria Literária e Literaturas) - Universidade de Brasília, 2013.
- COSTA, Raíssa Barbosa da. **As cores da mata branca: os sertões das caatingas de Manuel Arruda da Câmara e Henry Koster (1793-1815)**. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2013.
- MACEDO, José Rivair. **Belo Monte: uma história da Guerra de Canudos/José Rivair Macedo e Mário Maestri – 4.ed.** – São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- FONSECA, Raphael. **Redes de dormir**. Disponível em <http://revistacarbono.com/artigos/03redes-de-dormir-raphael-fonseca>. Acessado em 03.19.2015.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- MARX, Karl, 1818-1883 – **Manifesto do Partido Comunista** – Braga. São Paulo: Editora Escala. 2009.
- SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, Ano 1. n. 1, p. 7-13, 1999.
- SAQUET, Marcos Aurélio; BRISKIEVICZ, Michele. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 1, n. 31, p. 03-16, 2009.